

# **HISTÓRIA DA INTERPRETAÇÃO CRISTÃ DA BÍBLIA**

Augustus Nicodemus Lopes

<b>ÍNDICE ANALÍTICO .....</b>	<b>1</b>
<b>1: A Escola de Alexandria.....</b>	<b>1</b>
1.1 A Interpretação da Bíblia no Período Pós-apostólico.....	1
1.2 A escola de Alexandria (Egito) .....	2
1.2.2 Raízes históricas.....	2
1.3 Surgimento da Escola Catequética de Alexandria.....	3
1.4 Principais representantes da escola de Alexandria .....	3
1.5 Conclusão .....	4
1.6 Implicações práticas .....	4
<b>2: A Escola de Antioquia.....</b>	<b>5</b>
2.1 Introdução.....	5
2.2 A escola de Antioquia (Síria) - Surgimento .....	5
2.3 Principais representantes .....	5
2.4 Princípios de interpretação .....	5
2.5 Exemplos de interpretação.....	6
2.6 Influência e fracasso .....	6
2.7 Conclusão .....	7
<b>3: Os Pais Latinos .....</b>	<b>8</b>
3.1 Os Pais Latinos.....	8
3.2 Principais características hermenêuticas.....	8
3.2.1 Favoreciam a interpretação literal .....	8
3.2.2 Davam atenção ao contexto histórico da passagem.....	8
3.2.3 Algumas vezes alegorizavam o Antigo Testamento.....	9
3.2.4 Passagens mais obscuras devem ser interpretadas à luz das mais claras .....	10
3.2.5 Harmonia com a regra da fé da Igreja .....	10
3.2.6 Conclusão .....	10
3.2.7 Implicações Práticas .....	10

## **1: A ESCOLA DE ALEXANDRIA**

### **1.1 A Interpretação da Bíblia no Período Pós-apostólico**

Após a morte dos apóstolos, inicia-se a chamada era pós-apostólica, que vai do século II até o século IV, época dos grandes concílios ecumênicos na Igreja. No período pós-apostólico, a Igreja de Cristo era liderada por pastores e bispos que vieram a exercer considerável influência sobre a Cristandade daquela época. São os chamados "Pais da Igreja". É uma época de intensos debates teológicos sobre questões doutrinárias vitais para a sobrevivência da Igreja. Os Pais da Igreja procuravam entender qual a verdade de

Deus examinando as Escrituras. Debates vigorosos acontecem quanto ao sentido exato das palavras dos apóstolos e profetas. Uma das questões hermenêuticas centrais era como a Igreja Cristã poderia interpretar as profecias, instituições, personagens e eventos do Antigo Testamento de forma a refletir a Cristo.

Duas linhas nítidas e diferentes de interpretação surgem nessa época. A primeira, mais alegórica, está relacionada com a cidade de Alexandria. A outra, que surge depois em Antioquia em reação à primeira, é mais voltada para o sentido literal do texto bíblico. Os problemas que enfrentaram de certa forma anteciparam as questões de interpretação que a Igreja iria encarar através da sua história, até o dia de hoje. Nessa aula, abordaremos a interpretação alegórica de Alexandria.

## 1.2 A escola de Alexandria (Egito)

### 1.2.2 Raízes históricas

O sistema interpretativo que veio a associar-se com a cidade de Alexandria tem suas raízes históricas nas idéias de dois importantes filósofos gregos.

O primeiro é Heráclito (Éfeso, 540?-475?). Ele estabeleceu o conceito de huponóia, ou sentido mais profundo, como uma nova abordagem às obras de Homero (A Ilíada e a Odisséia). Nessas obras, os deuses gregos são descritos cometendo traição, imoralidades, vingança, mentindo e praticando outros vícios. Para fugir das implicações óbvias de se interpretar literalmente o que Homero escreveu acerca dos deuses, Heráclito sugeriu que o verdadeiro sentido estava além das palavras (huponóia). Os escritos de Homero não eram para ser entendidos literalmente, como estavam escritos, mas como apontando para conceitos mais profundos, além da letra. Assim ele salvou os deuses da acusação de "imorais"...

O segundo é Platão (Atenas, 427?-347?). Ele formou o conceito de que o mundo em que vivemos é apenas uma representação do que existe no mundo perfeito das realidades imateriais, o "mundo das idéias". Uma cadeira, por exemplo, é apenas o reflexo da cadeira perfeita que existe nesse mundo ideal. Conceitos e verdades espirituais, próprios do "mundo das idéias", são representados por alegorias.

O conceito de que a verdade se encontra alegoricamente oculta além da letra e da realidade visível, como haviam ensinado Heráclito e Platão, influenciou mais tarde um judeu de Alexandria, chamado Filo (também chamado de Filo Judeu, viveu entre 20 AC e 50 DC). Filo tinha uma formação judaica e era leal às instituições e costumes de seu povo. Era um estudioso das Escrituras do Antigo Testamento traduzidas para o grego (A Septuaginta). Tinha também uma formação filosófica, especialmente no platonismo.

Moisés e Platão eram os dois heróis de Filo. Ele dedicou sua vida a reconciliar o ensino de Moisés nas Escrituras com as idéias de Platão. O método que ele empregou para isso foi a alegorese. Esse termo vem da palavra grega "alegoria", que significa dizer uma coisa em termos de outra. Filo escreveu diversas obras e comentários sobre a Lei de Moisés interpretando as Escrituras alegoricamente, em termos das idéias, virtudes e moralidade do platonismo.

Eis alguns exemplos da interpretação de Filo em seus comentários sobre Gênesis:

A criação do jardim do Éden (Gn 2.8-14) - O rio Gion (2.13) significa "coragem" e circunda a terra de Cuxe, que significa "humilhação"; o sentido alegórico é que a coragem dá demonstrações de bravura diante da covardia. Já o rio Tigre (2.14) significa temperança, pois como um tigre, resiste resolutamente ao desejo. Eufrates (2.14) não se refere ao rio. O sentido alegórico é justiça. O rio Pisom (2.11) significa "mudança na boca" e Havilá "tagarelar", que Filo interpreta como significando "insensatez". A interpretação alegórica da passagem é que a insensatez é destruída pela "mudança na boca", que é o falar com prudência!

A criação e queda do homem (Gn 2-3) - Filo considera fábula a narrativa da criação da mulher da costela de Adão, após o mesmo haver adormecido. Ele rejeita a interpretação literal da passagem. O sentido verdadeiro é que Deus tomou o poder dos sentidos externos (Eva) e o conduziu à mente (Adão). Esse poder é sempre ameaçado pelo prazer (a serpente). A promessa messiânica, "Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar" (3.15) é interpretada como Deus dizendo ao prazer (serpente) que

a mente (o homem) vai vigiá-la e que em troca, o prazer (serpente) vai atacar a mente (homem) oferecendo os prazeres mais básicos (morder o calcanhar)!

### 1.3 Surgimento da Escola Catequética de Alexandria

Quando o Evangelho alcançou Alexandria, muitos se tornaram cristãos. Uma forte comunidade floresceu rapidamente naquela cidade. Um dos líderes foi Barnabé (150? AD) que ficou conhecido por ter escrito a Carta de Barnabé, onde interpreta alegoricamente o Antigo Testamento seguindo os métodos de Filo. O exemplo mais famoso da carta é a interpretação que ele faz de Gênesis 14.14 (onde se mencionam os 318 homens de Abraão) para provar que Abraão sabia não somente o nome de Cristo, mas até que ele haveria de morrer na cruz:

Barnabé 9:6 – Portanto, filhos do amor, aprendam abundantemente a respeito de Abraão. Ele, que primeiro estabeleceu a circuncisão, olhava em espírito para Jesus, quando circuncidou a sua casa. Pois a Escritura diz "Abraão circuncidou 318 homens da sua casa" ["Ouvindo Abrão que seu sobrinho estava preso, fez sair trezentos e dezoito homens dos mais capazes, nascidos em sua casa, e os perseguiu até Dã, Gn 14.14]. Que conhecimento lhe foi dado naquela ocasião? Compreendam: Ele [Deus] disse primeiro 18 e depois do intervalo, 300. No 18, o número 10 eqüivale a "I" (no alfabeto grego) e 8 a "H". Aqui tu tens JESUS (IHSOYS). 300 eqüivale a "T" e aqui tens a cruz. Então, Ele [Deus] revelou Jesus nas duas letras e a cruz na última. Barnabé entendia que "318" dizia outra coisa que não um número fixo. Para ele, era uma referência proposital que Deus havia feito a Abraão acerca de Jesus, e que só poderia ter sido decifrada "espiritualmente", interpretando-se a passagem alegoricamente.

Um outro líder foi Pantenus. Inicialmente um filósofo estóico, Pantenus converteu-se e fundou uma escola cristã catequética em Alexandria no século II. O sistema utilizado na escola para interpretar a Bíblia era alegórico.

### 1.4 Principais representantes da escola de Alexandria

Um dos convertidos de Pantenus foi Clemente de Alexandria (150-215 AD), de quem alguns escritos foram preservados. Clemente substituiu Pantenus na direção da escola em 180 AD. Ele foi um dos primeiros a lidar seriamente com questões de interpretação bíblica. Usava a interpretação alegórica característica da escola para descobrir o sentido oculto das passagens bíblicas e para harmonizar os dois Testamentos. Para ele, a alegoria revelava a verdade ao verdadeiro discípulo mas a escondia dos outros. Ele insistia especialmente que o objetivo de Deus em revelar-se alegoricamente era ocultar a verdade dos incrédulos em geral e descortiná-la apenas para os espirituais. Clemente interpretava a parábola do filho pródigo alegoricamente, atribuindo a cada detalhe da parábola (por exemplo, o anel, o manto, as sandálias, etc.) um significado espiritual.

Origenes (185-253 AD) é a mais importante figura nesse período. Era um estudioso muito respeitado, muito capaz e provavelmente o mais erudito de sua época. Sua abordagem da Escritura pode se resumir em alguns pontos essenciais:

A melhor maneira de se entender a Bíblia é através da perspectiva platônica. Nesse sentido, Origenes é um verdadeiro discípulo de Filo de Alexandria.

A Bíblia contém segredos que somente a mente espiritual pode compreender. O sentido literal é valioso, mas algumas vezes obscurece o sentido primário, que é o espiritual. O literal é para iniciantes, mas o espiritual é para os maduros na fé.

Se Deus é o autor da Bíblia, ela deve ter um sentido mais profundo. A interpretação literal é própria dos judeus e não dos cristãos. A esses foi revelado o sentido mais profundo das Escrituras, que havia sido ocultado dos judeus incrédulos.

Há três níveis de sentido nas Escrituras, correspondentes às três dimensões da personalidade humana:

1) Carne – a interpretação literal e óbvia corresponde à carne ou ao corpo humano, que é visível e evidente a todos que o vêem. Esse tipo de interpretação é para os indoutos.

2) Alma – aqueles que já fizeram algum progresso na vida cristã começam a discernir sentidos mais além do óbvio.

3) Espírito – a interpretação alegórica, própria dos que são espirituais.

Alguns exemplos de sua interpretação das Escrituras:

Rebeca vem tirar água do poço e encontra os servos de Abraão (Gn 24.15-17) - significa que diariamente devemos vir aos poços da Escritura para ali nos encontrarmos com Cristo.

Faraó mandando matar os meninos e preservando as meninas hebréias (Ex 1.15-16) - os meninos significam o espírito intelectual e sentidos racionais enquanto que as meninas significam paixões carnis.

As seis talhas de pedra, que os judeus usavam para as purificações (Jo 2.6), significam os sentidos moral e literal das Escrituras e às vezes, o espiritual.

O sentido verdadeiro (alegórico) da passagem sobre o divórcio (Mt 19.9) é a separação da alma do seu anjo da guarda.

## 1.5 Conclusão

Origines influenciou muitos Pais da Igreja como Dionísio o Grande, Eusébio de Cesaréia, Didimo, o Cego, e Cirilo de Alexandria, que seguiram sua interpretação alegórica. Embora Origines tivesse um alto apreço pelas Escrituras (que ele considerava como Palavra de Deus inspirada) e reconhecesse a presença de Cristo nas Escrituras do Antigo Testamento, defendeu, sistematizou e promoveu um sistema de interpretação que ao fim diminuía o caráter histórico de algumas passagens e que não dispunha de controles adequados contra o subjetivismo. Entretanto, a reação viria alguns séculos depois, em Antioquia.

## 1.6 Implicações práticas

Podemos nos perguntar em que conhecer a história da interpretação de Alexandria nos afeta hoje. No mínimo, nos faz entender que o tipo de interpretação que prevalece na igreja evangélica brasileira de hoje segue o mesmo caminho de Alexandria, mesmo sem ter a sofisticação e a erudição de um Origines, por exemplo. É somente através de uma interpretação altamente "espiritualizante" das Escrituras que muitos mestres, pastores e líderes evangélicos conseguem convencer seus rebanhos de que estão ensinando a verdade da Palavra de Deus. Em termos práticos, Alexandria nos ensina a ter cautela com a idéia de que a verdade da Bíblia só pode alcançada por "espirituais" que tenham acesso privilegiado a um conhecimento que está além do sentido simples, claro e evidente das Escrituras.

## 2: A ESCOLA DE ANTIOQUIA

### 2.1 Introdução

Como vimos na aula anterior, a interpretação dos Pais da Igreja seguia duas linhas distintas. A primeira, mais alegórica, relacionada com a cidade de Alexandria. A outra, que surgiu depois em Antioquia em reação à primeira, mais voltada para o sentido literal do texto bíblico. Nessa aula, analisaremos a hermenêutica de Antioquia.

### 2.2 A escola de Antioquia (Síria) - Surgimento

A escola de Alexandria foi fundada por **Luciano de Samosata** (240-312 AD), teólogo cristão que deu origem a uma tradição de estudos bíblicos que ficou conhecida pela erudição e conhecimento das línguas originais. Atribui-se a Luciano (embora sem evidências concretas) uma recensão e uniformização dos textos gregos da sua época, dando origem ao texto Bizantino ou Sírio, que foi o texto grego do Novo Testamento adotado pela Igreja até meados do século passado. Luciano era um cristão de profundas convicções. Morreu martirizado por torturas e fome, por se negar a comer carne sacrificada aos deuses romanos.

Luciano fundou em Antioquia da Síria uma escola de estudos bíblicos em oposição consciente ao método alegórico ligado a Alexandria, particularmente ao método de Orígenes. Essa escola tornou-se famosa por sua abordagem literal das Escrituras. Foi formada no início do século IV, embora já no século II houvesse em Antioquia estudiosos como Teófilo, com uma interpretação mais sóbria das Escrituras.

### 2.3 Principais representantes

O sistema de interpretação adota por Antioquia teve muitos e ilustres defensores entre os Pais da Igreja. Alguns dos mais conhecidos e importantes foram:

- **Deodoro de Tarso** (m.390 AD)
- **Teodoro de Mopsuéstia** (m.428 AD)
- **João Crisóstomo** (m.407 AD)

Os grandes antioquianos não foram contemporâneos de Orígenes mas dos alexandrinos posteriores como *Atanásio* (morreu em 373 AD) e *Dídimo*, o Cego (morreu em 398 AD). De muitas formas, o próprio *Cirilo de Alexandria* (morreu em 444 AD) demonstrou perceptividade para com a exegese literal, o que o coloca talvez entre as duas escolas.

### 2.4 Princípios de interpretação

Podemos resumir os principais princípios de interpretação desenvolvidos e utilizados pela escola de Antioquia e por seus representantes da seguinte forma:

1. Sensibilidade e atenção ao *sentido literal do texto*. Era uma abordagem que poderia ser chamada de "gramático-histórica". Esse termo só apareceu após a Reforma, mas os princípios que caracterizavam esse tipo de interpretação já estavam presentes em Antioquia: procurar alcançar o sentido do texto através da busca da intenção do seu autor (daí estudar-se o sentido óbvio das palavras, "gramma" em grego) considerando o contexto histórico em que foi escrito.
2. Desenvolvimento do conceito de *theoria*. Esse termo designava o estado mental dos profetas em que recebiam as visões, em oposição à *alegoria*. Era uma intuição ou visão pela qual o profeta podia ver o futuro através das

circunstâncias presentes. Depois da visão, era possível para ele descrever em seus escritos tanto o significado contemporâneo dos eventos bem como seu cumprimento futuro. A *theoria* era o princípio usado pelos antioquianos para se descobrir um sentido mais que literal nas palavras dos profetas do Antigo Testamento, permanecendo-se fiel ao seu sentido literal. Entretanto, embora reconhecessem que havia um sentido mais profundo e completo nas palavras dos profetas, estavam bem distantes da alegorese alexandrina.

3. Não negavam o caráter *metafórico* de algumas passagens: reconheciam que havia um sentido mais profundo nas profecias do Antigo Testamento e que havia tipologias, como a que Paulo fez em Gálatas 4.21-31. Entretanto, afirmavam a *historicidade* da narrativa vétero-testamentária e procuravam em seguida descobrir o *sentido teológico* da mesma.
4. Buscavam determinar a *intenção do autor*, pela atenção cuidadosa ao sentido histórico das palavras em seu contexto original.
5. Eram contra descobertas arbitrárias de Cristo no Antigo Testamento, como as feitas pela alegorese alexandrina. Concordavam que Cristo estava presente nas Escrituras do Antigo Testamento, mas reagiam contra a idéia de que cada palavra, evento, número, personagem ou instituição das mesmas poderia ser interpretada de forma alegórica de modo a sempre encontrar-se a Cristo nelas.

## 2.5 Exemplos de interpretação

- **Teófilo de Antioquia**, um dos precursores da escola de Antioquia, numa obra intitulada "A Autólico", enfatiza que o Antigo Testamento é um livro histórico contendo a história autêntica dos atos de Deus para com Israel. Ele esforça-se para traçar uma cronologia bíblica, da criação até seus dias. A mensagem do Antigo Testamento é que o Deus de quem ele dá testemunho é o criador dos céus e da terra. Isso é possível porque os autores humanos foram inspirados por Deus e podiam portanto escrever sobre coisas que aconteceram antes e depois de sua época. Lembremos que muitos intérpretes alexandrinos tendiam a rejeitar a importância da historicidade do relato da criação (Gen 1 e 2), valorizando o sentido mais profundo ou espiritual do mesmo.
- **Deodoro de Tarso**, que viveu 200 anos após Teófilo, deixou-nos um comentário dos Salmos onde a interpretação cristológica moderada de Antioquia reflete-se claramente. Ali vemos em ação o princípio antioquiano de não atribuir a um texto do Antigo Testamento uma interpretação cristológica que não possa ser provada e demonstrada pelo Novo Testamento. Comentando o Salmo 22, Deodoro nega que o mesmo seja messiânico, pois a descrição literal dos sofrimentos do autor do Salmo não combinam com os sofrimentos de Cristo. O Salmo 24 também não é messiânico, mas refere-se ao judeus que voltaram do cativo babilônico.
- **Teodoro de Mopsuéstia** é provavelmente o intérprete que seguiu mais rigidamente os princípios de interpretação da escola de Antioquia quanto à abordagem cristológica do Antigo Testamento. Para ele, uma passagem no Antigo Testamento só pode ser considerada messiânica se for usada como tal no Novo Testamento. Meras alusões não são suficientes. Assim, passagens como o sacrifício de Isaque, que nunca são referidas no Novo Testamento como referindo-se a Cristo, não são consideradas messiânicas.

## 2.6 Influência e fracasso

Podemos perceber vários aspectos positivos na obra dos antioquianos. A escola de Antioquia adotou uma leitura das Escrituras que pode ser chamada de "gramático-

histórica" (esse termo, na verdade, só surgiu após a Reforma, mas os seus princípios estavam presentes em Antioquia, em grande medida), pois buscava principalmente descobrir a intenção do autor humano (que seria idêntica à do autor divino) como meio de determinar-se o sentido de uma passagem bíblica. Os antioquianos procuravam fazer justiça ao caráter histórico da Escritura.

Por outro lado, às vezes, seus representantes eram incoerentes com esses princípios e recaíam na alegoria. Um exemplo disso é a interpretação alegórica que João Crisóstomo faz do milagre de Caná da Galiléia, em sua *Homília em João*. Ao concluir a exposição (bastante sóbria e literal) da mesma, Crisóstomo interpreta a água como sendo pessoas frias e fracas, cujas vontades Cristo muda, como fez ao vinho. E aí, perde-se em uma longa digressão expondo o caráter dessas pessoas. Embora seja verdade que Cristo muda as pessoas, a pergunta é se este é o ponto ensinado pelo relato do milagre de Caná da Galiléia. O próprio apóstolo João nos diz que o objetivo do milagre era mostrar a glória de Jesus para que seus discípulos cressem nele. Crisóstomo chegou a uma conclusão certa mas partindo do texto errado....

Um ponto negativo é que em alguns casos, a rigidez da abordagem restringia o alcance das profecias do Antigo Testamento somente aos tempos de Israel e produziu uma tipologia cristã muito pobre.

Em que pese a influência de sua interpretação especialmente nas igrejas sírias, a escola de Antioquia não prevaleceu na Igreja Cristã como o sistema interpretativo mais aceito. Uma das razões foi que alguns líderes heterodoxos ou heréticos condenados pelos concílios ecumênicos eram seguidores do método de Antioquia. Dois exemplos:

1. **Nestório** (morreu em 451 AD), o patriarca sírio de Constantinopla. Foi condenado pelo Concílio de Éfeso por fazer uma distinção por demais exagerada entre as duas naturezas de Cristo, ao ponto de quase admitir a existência de duas pessoas no mesmo Cristo.
2. No Ocidente, **Juliano**, o bispo pelagiano de Eclano (morreu em 454 AD), era o principal defensor dos princípios de Antioquia.

## 2.7 Conclusão

Apesar do fracasso da escola de Antioquia em estabelecer o seu método de interpretação, sua influência foi muito além dos limites da cidade de Antioquia. Os Pais Latinos, estudiosos que escreveram em latim e cuja influência haveria de perpetuar-se na Igreja, seguiram via de regra um sistema de interpretação semelhante ao desenvolvido pelos antioquianos. É o que veremos na próxima aula.

### Implicações Práticas

A escola de Antioquia nos ensina duas coisas importantes: (1) O melhor caminho para evitar a subjetividade descontrolada de uma interpretação alegorista é nos atermos ao texto das Escrituras, ao seu sentido simples e evidente. (2) Precisamos cuidar para não cair no extremo de nos tornarmos tão presos à busca do que o texto significou no passado que esqueçamos de perguntar o que ele significa no presente.

### 3: OS PAIS LATINOS

#### 3.1 Os Pais Latinos

É a designação que se dá aos Pais da Igreja que viveram nos séculos IV e V, cujas obras foram escritas em latim. Os mais relevantes para nossa *História da Interpretação* são:

6. **Tertuliano** (155- após 220 AD)
7. **Jerônimo** (c.347-420 AD) na Palestina (Belém)
8. **Agostinho** (354-430 AD) em Roma
9. **Ticônio**, que viveu no Norte da África
10. **Ambrosiaster**, nome dado ao autor desconhecido de um comentário sobre as cartas de Paulo datando do séc. IV.

#### 3.2 Principais características hermenêuticas

##### 3.2.1 Favoreciam a interpretação literal

Os Pais Latinos seguem no geral a linha de interpretação da escola de Antioquia, ou seja, mais atentos ao sentido gramático-histórico do texto bíblico. Alguns exemplos:

- *Tertuliano* não alegorizou Gênesis 1-2 em sua exposição da passagem, como era costumeiro se fazer, mas considerou a passagem como histórica. Nesse sentido, seguiu o método de Antioquia. A alegorese via de regra procurava sentidos além do literal no relato da criação e os relacionava com aspectos do platonismo, com virtudes morais do estoicismo ou com aspectos da doutrina cristã.
- *Jerônimo*, que a princípio era um seguidor de Orígenes, deixou seu método pelo literal. Sua tradução das Escrituras para o latim (Vulgata), feita quando já havia abandonado o método alegórico, é um exemplo de interpretação quase literal.
- *Ticônio*, em seu comentário de Gálatas, persiste sempre em procurar a intenção de Paulo como a chave para entender o sentido da carta. Enquanto que até mesmo as cartas de Paulo eram interpretadas alegoricamente pelos alexandrinos, Ticônio e demais Pais Latinos estavam determinados a estabelecer o sentido das Escrituras através do sentido original pretendido pelo autor humano.
- *Agostinho*, em sua interpretação de Gênesis, está bastante preocupado com o sentido literal. Muito embora ele entenda os dias da criação alegoricamente como sendo 7 instantes, interpreta literal e historicamente o relato da criação.
- *Ambrosiaster*, em seus comentários nas cartas de Paulo, freqüentemente preocupa-se em descobrir a intenção do apóstolo, como caminho para o sentido verdadeiro do que ele escreveu.

##### 3.2.2 Davam atenção ao contexto histórico da passagem

Muito embora respeitassem as Escrituras como a Palavra de Deus, os intérpretes alegoristas tendiam a desprezar o contexto histórico e cultural em que elas foram escritas, tratando-as via de regra quase que como um livro que havia caído já pronto do céu. Os Pais Latinos eram mais sensíveis ao contexto em que as Escrituras foram produzidas:



- *Jerônimo*, por exemplo, declarou que o Antigo Testamento era um livro oriental, escrito numa língua oriental e num contexto oriental – coisas que precisavam ser levadas em consideração pelo intérprete.
- Em sua obra *Cidade de Deus*, Agostinho, tentando explicar o mais terrível evento de sua época – a queda de Roma – demonstra sensibilidade para com a maneira pela qual Deus lida com Israel na história (história da redenção) como *princípios* da ação de Deus na história que explicariam a queda do Império Romano. Em contraste com a "cidade terrena" (*civitas terrena*) representada por Roma mas energizada pelos desejos humanos de receber glória e honra, Agostinho projeta a *civitas dei*, construída para o louvor e glória de Deus, a Jerusalém celestial, da qual a nova Roma da Igreja Católica era a imagem.

### 3.2.3 Algumas vezes alegorizavam o Antigo Testamento

Os Pais Latinos não estavam de todo livres da maior tentação hermenêutica da sua época, que era interpretar as Escrituras alegoricamente. Uma das ocasiões em que acabavam alegorizando o texto bíblico era quando respondiam aos ataques dos judeus de que os cristãos torciam o sentido do Antigo Testamento para provar que Cristo era o Messias. No afã de provar que Cristo estava em todas as passagens do Antigo Testamento, eles acabavam forçando algumas passagens, dando-lhes uma interpretação alegórica, para "achar" a Cristo nelas. De qualquer forma, era menos ruim do que alegorizar os textos bíblicos para encontrar neles as virtudes e as teses do platonismo!

- *Tertuliano*, que envolveu-se em muitas disputas com os judeus, mesmo sendo um sóbrio intérprete das Escrituras, às vezes usou a alegorese para substanciar seus argumentos.
- *Agostinho* interpretava figurativamente os sete dias da criação pois uma interpretação literal parecia contraditória (sol depois da luz). Ele defendia que passagens contrárias à Deus ou que ofendessem os cristãos deveriam ser interpretadas espiritualmente. O melhor exemplo é seu comentário em Gênesis 22, onde alegoriza as partes difíceis. Entretanto, Agostinho não negava a historicidade da passagem, muito embora visse um sentido oculto em seus detalhes. Atribui-se a Agostinho o conceito de que existem 4 níveis de sentido nas Escrituras: um sentido literal, e três sentidos espirituais: moral, alegórico e anagógico. O *sentido literal* seria o registro do que aconteceu (o fato); o *sentido moral* conteria uma exortação quanto à conduta (o que fazer); o *sentido alegórico* ensinaria uma doutrina a ser crida (o que crer); e o *sentido anagógico* apontaria para uma promessa a ser cumprida (o que esperar). Existem outros candidatos a autores dessa famosa "quadriga", como veremos mais adiante.
- Até mesmo Jerônimo, que traduziu a Vulgata quase que literalmente, permitiu-se alegorizar algumas vezes. Um dos melhores exemplos é sua disputa com um cristão chamado Joviniano, sobre a virtude monástica da virgindade. Em seu afã de defender essa doutrina (que já começava a ser recebida oficialmente na Igreja), Jerônimo interpreta algumas passagens das Escrituras usadas por Joviniano como se fosse um alegorista radical. Joviniano cita "crescei e multiplicai-vos" e Jerônimo replica: "O casamento enche a terra, mas a virgindade enche os céus". Joviniano apela para Cantares, e Jerônimo replica que o mesmo é totalmente alegórico e espiritual. Joviniano diz que Pedro era casado e Jerônimo responde que Pedro lavou-se da sujeira do casamento pelo sangue do seu martírio!

A espiritualização do Antigo Testamento se dava principalmente por causa da convicção de que o Novo Testamento está oculto no Antigo Testamento, e o Antigo

Testamento é iluminado pelo Novo Testamento. Nas palavras de Agostinho, *In vetere novum lateat, et in novo vetus pateat* ("No Velho o Novo está subentendido e no Novo o Velho se torna patente", *Quaest. in Heptateuchum* 2.73).

### 3.2.4 Passagens mais obscuras devem ser interpretadas à luz das mais claras

Para muitos intérpretes nessa época, a solução para resolver contradições entre passagens das Escrituras era alegorizar as que fossem mais obscuras. Os Pais Latinos, ao contrário, adotam outra solução. Procuravam interpretar uma passagem obscura e difícil à luz de outras que tratassem do mesmo assunto e que fossem mais claras. Era essa a regra que procuravam seguir. O que estava por detrás dessa regra era a crença na *unidade da Escritura*, ponto que Agostinho faz explicitamente em seu comentário em Gênesis 22.

### 3.2.5 Harmonia com a regra da fé da Igreja

Os Pais Latinos viveram numa época em que a Igreja estava começando a adquirir uma estrutura fixa em Roma. Ao contrário da tradição oriental, que era influenciada por Alexandria e que via o texto como "aberto" (no sentido de ser uma rica mina de sentidos), os Pais Latinos praticavam uma exegese "fechada", seguindo os dogmas dos concílios da época, onde o texto aceitava apenas uma interpretação, que devia ser crida e recebida por todos. Um dos exemplos disso foram as tentativas de Jerônimo de defender o ensino sobre as virtudes da castidade e de se permanecer solteiro, que já começava a ser aceito como doutrina da Igreja.

Além disso, na época deles, já começava a formar-se uma tradição eclesiástica reconhecida e aceita pela Igreja. Os Pais Latinos demonstram ter consciência de uma tradição de intérpretes antes deles. Jerônimo cita freqüentemente em suas obras comentaristas antes dele que têm a mesma interpretação.

### 3.2.6 Conclusão

De entre os Pais Latinos, aquele cujas idéias e cuja hermenêutica mais influenciou a Igreja Ocidental foi Agostinho. Infelizmente, foi somente um aspecto da sua hermenêutica que prevaleceu, o reconhecimento de que havia um sentido além do literal nas palavras da Bíblia. Na Idade Média, a preocupação por sentidos além do literal dominou quase que completamente, como veremos na aula seguinte.

Isso não quer dizer que houve somente interpretações alegóricas da Bíblia durante a Idade Média. Em meio a esse período, uma pequena mas forte tradição interpretativa, em muito similar à de Antioquia, surgiu e acabou por preparar o caminho da hermenêutica utilizada pelos reformadores. É o que veremos na aula seguinte.

### 3.2.7 Implicações Práticas

Uma lição que podemos aprender com os Pais Latinos, especialmente com Jerônimo, é evitarmos que nossas crenças prediletas acabem por controlar nossa interpretação das Escrituras. Freqüentemente somos tentados a interpretar textos bíblicos de forma a concordarem com nosso pensamento. Sabemos que é impossível ler a Bíblia sem pressupostos. Nosso dever é nos assegurarmos de que esses pressupostos são somente aqueles exigidos pela própria Escritura.